

NEGROS: ORGANIZAÇÃO E LUTA EM PELOTAS

*Beatriz Ana Loner**

Este artigo¹ pretende fazer apenas uma análise da organização da etnia negra na cidade de Pelotas durante os primeiros cinquenta anos da República. Inicialmente será feita uma breve exposição da situação dessa etnia no período escravocrata do país e depois se descreverá suas possibilidades organizativas e sua luta pela incorporação, como trabalhadores e cidadãos, na sociedade nacional republicana.

Os negros foram introduzidos na região de Pelotas concomitantemente com o desenvolvimento das charqueadas, a partir de 1780. A introdução do trabalho escravo na região foi anterior, mas a concentração de negros em Pelotas deu-se com o desenvolvimento da atividade charqueadora. Segundo Bakos (1982), que condensa dados retirados de diversas fontes, Pelotas teria 1.226 escravos em 1814 e 4.788 em 1859, alcançando o ápice de 6.526 em 1884, mas decrescendo para 2.831 no ano seguinte, devido a política de transformação de escravos em contratados. Por fim, em 1887, teria cerca de 338 escravos apenas. No cômputo geral, isso significava que o município, sozinho, era responsável pela utilização de um pouco menos de 10% do total de escravos do Estado (Bakos, 1982, p.22-23). Outras cidades destacaram-se em número de escravos, para a primeira metade do século XIX, como Porto Alegre, Rio Grande, Cruz Alta e Jaguarão. Contudo, para a segunda metade do século, Pelotas disparou em número de escravos, enquanto as demais sofreram sensível redução em seu plantel, demonstrando a deslocação dos trabalhadores cativos para as charqueadas da cidade.

Havia uma relação quase direta entre o trabalho forçado dos negros e o desenvolvimento da atividade saladeril. De um total de 34 charqueadas existentes em 1878 na cidade, elas reduziram-se a apenas 21 às vésperas da Abolição e a 18, dois anos depois, provando a importância dessa forma de trabalho para a manutenção da atividade saladeril. Por outro lado, o charque era alimento dos escravos do sudeste e o fim da escravidão acarretou problemas no mercado de consumo do produto.

Os negros trazidos para a cidade tinham variadas procedências. Segundo dados colhidos dos inventários dos senhores pelotenses por Assumpção (1990), que os dividiu em três fases: de 1780 a 1830; 1831 a 1850 e 1850 a 1888, os escravos de Pelotas apresentavam, desde o primeiro momento, uma maioria de elementos nascidos no Brasil (crioulos), em que pese o grande número daqueles que não tinham indicada sua procedência. Entre os estrangeiros, apareciam em elevada proporção os simplesmente denominados africanos, além de minas, nagô, benguela, bengala, guicamá, congo, hanças (haussás?), monjolo, moçambique, rebolo, angola, cabinda e outros, que compareceram apenas com um ou dois

* Professora do Departamento de História e Antropologia/ICH-UFPel. Doutora em Sociologia pela UFRGS. Colaborou, na coleta de dados para o período imperial, o bolsista de Iniciação Científica do CNPq, Gilso Coelho Oliveira.

¹ Esse artigo utiliza dados e conclusões da tese de doutorado da autora.

elementos no total. Sabe-se que nem sempre essa classificação era fidedigna, implicando, às vezes, apenas em referenciar o local de embarque na África. Pelos dados colhidos em jornais da cidade e outras fontes, pode-se ver que havia um certo destaque para os chamados pretos minas, sempre lembrados em memórias ou através de notícias sobre suas danças, religiões e rituais, pelos descendentes de escravos.

Pouco se sabe sobre a organização dessas diversas etnias negras no período da escravidão na cidade. Entretanto, deveria existir algum tipo de agregação, pois houve manifestação de grupos de africanos por tribos, na comemoração da Abolição, destacando-se as seguintes:

"Comissões incorporadas dos Filhos de Angola, Mina, Benguela, Erubé, Congo e Cabinda, descendentes da raça africana, munidos dos instrumentos usados em seus países, pretendiam cumprimentar, em suas respectivas residências, os principais propugnadores da causa da liberdade naquela cidade e as redações dos jornais pelotenses" (Echo do Sul, 10/6/1888).

Por outro lado, havia o *Centro Ethiópico*, entidade de representação política dos negros na cidade, da qual há notícias de que funcionava segundo a agregação de comissões, que talvez fossem também de etnias dentre os negros (A Discussão, 17/10/1884). Contudo, mesmo que significativas durante o período imperial, essas diferentes etnias perderam força e diluíram-se durante a República, pois então novas formas de agregação, suplantaram os antigos laços tribais africanos.

Os negros foram utilizados em todo o tipo de trabalho durante o período escravocrata. Segundo Assumpção (1990) pelo estudo dos inventários, pode-se ver a mão de obra escrava como ocupando quase todas as funções nas charqueadas. Seu alto preço era uma constatação da importância fundamental de seu trabalho. Segundo dados de Simão (1990, p. 313) o preço de um escravo se igualava, em alguns casos, ao preço de um terreno na cidade ou subúrbios próximos. Estudando as manumissões na cidade, esta autora percebeu que, em alguns casos, os escravos só conseguiam comprar sua liberdade se oferecessem outro trabalhador cativo a seu dono, em substituição pela sua retirada do serviço, sendo este freqüentemente mais jovem que eles próprios. Ou então, pagavam alto preço pela alforria, a qual terminava condicionada à concordância do senhor. Obviamente, seu preço decresceu conforme o avanço do processo de Abolição, embora alguns senhores tenham se aproveitado de algumas formas públicas de manumissão de escravos (como as Juntas Emancipadoras), para libertar velhos, inutilizados para o trabalho, por preço bem superior ao de mercado.

Também nas demais atividades econômicas, os negros foram encontrados exercendo atividade variada, tanto durante, quanto depois da escravidão². Praticamente não houve profissão manual que não tivesse representantes dessa etnia em seu desempenho, tanto no período imperial quanto na República. Mas havia muitos trabalhadores especializados entre eles, operários artesãos que

² Veja-se, a respeito, os trabalhos de GUTIERREZ (1997) e DORNELLES (1998), o primeiro investigando a frequência de negros, livres ou escravos, nos trabalhos relacionados à olaria e construção civil e o segundo averiguando as profissões exercidas pelos negros nos primeiros anos do século XX, na cidade.

exerciam suas atividades no meio urbano, como assalariados ou donos de pequenas oficinas. Por exemplo, na diretoria do *Centro Cooperador dos Fabricantes de Calçados*, em 1888, o cargo de orador era ocupado por um artesão negro, provavelmente dono de um pequeno estabelecimento³. A quantidade de negros urbanos e livres, na última década do Império, era de tal ordem que permitiu fossem criadas duas entidades de artesãos majoritariamente negros na cidade, sendo que a primeira delas, criada em 1880, contava com cerca de 40 integrantes⁴, quando de sua fundação, todos livres. A segunda entidade, dissidência da primeira, não permaneceu como exclusiva de artesãos negros, abrindo suas portas para elementos brancos, mas sempre permanecendo com um número significativo de elementos negros em sua diretoria.

Nessas atividades, eles sofriam a concorrência de artesãos e trabalhadores brancos, principalmente imigrantes, portugueses ou de outras nacionalidades, situação que deve ter-se acentuado ainda mais com o fluxo imigratório dos primeiros anos da República, o que, provavelmente, acarretou forte competição entre ambos, devido à restrição havida, naquele momento, no mercado de trabalho.

Na última década do Império, os escravos eram cerca de 6.000 no município. Com a Abolição e a República, muitos deles permaneceram na região, desenvolvendo as mesmas atividades que anteriormente nas charqueadas e também empregando-se em fábricas, na construção civil e nos trabalhos do porto. Praticamente eles eram encontrados em todo o tipo de trabalho manual, especialmente naqueles mais árduos e estafantes. Diferentemente de seus companheiros brancos, os trabalhadores negros enfrentavam obstáculos maiores à ascensão social, e assim, ao longo do tempo, estiveram presentes em todas as profissões, incluindo os operários de fábricas, chapeleiros, construtores civis, empregados em indústrias de conservas e alimentação, tipografias, etc.

No início da República, as estatísticas acusavam cerca de 7.035 negros e mestiços, o que correspondia a 30,7% do total dos moradores urbanos. Entretanto, este percentual reduziu-se muito ao longo da República Velha, pois em 1940, do total dos habitantes do município, apenas 15.311 eram negros ou pardos, correspondendo a apenas 14,6% da população. Entretanto, este decréscimo relativo da população negra pode ter sido, em parte, provocado pela diferença nos termos da comparação, pois no primeiro caso, trabalhou-se apenas com a população urbana, enquanto o segundo dado incluía o total do município, o qual contava com inúmeras colônias de imigrantes.

³ O cargo de orador, naquele momento, era dos mais prestigiados numa diretoria.

⁴ Tal como as demais entidades negras, ela não discriminava os artesãos brancos, tudo indicando que houve uma pequena particularidade destes, em seus primeiros anos.

Organização na luta contra a escravidão

Durante a escravidão, os trabalhadores cativos da cidade insurgiram-se, de muitas e variadas formas contra seus senhores. Há notícias da formação de quilombos, como o de Manoel Padeiro (Marsico, 1997), de insurreições e revoltas (Loner, 1997) e de vários outros atos, individuais ou coletivos), que demonstraram sua capacidade de organização e de resistência à condição escrava. Devido a esses e outros motivos, houve, em 1884, a transformação na situação jurídica da maioria dos trabalhadores cativos na cidade, que passaram da situação de escravos à situação de contratados, devendo prestar serviços, em prazos que variavam de três a sete anos, a seus antigos senhores, antes de conseguir a liberdade. Este processo está relacionado com a necessidade, sentida por todos, da transformação do regime de trabalho escravo para o livre. Os contratos seriam, assim, uma forma de transição entre os dois sistemas, além de funcionarem como um freio a eventuais fugas ou revoltas, pelas esperanças despertadas entre os cativos, que, ao cabo desses anos de serviço ainda compulsório, pudessem alcançar sua liberdade legalmente⁵.

No processo da Abolição, já surgiram as marcas da organização negra na cidade. A sociedade *Deus, Fé e Caridade*, "confraria religiosa leiga organizada por negros libertos" (Mello, 1994), foi criada em 1882 e destinava-se a libertar escravos através da compra e alforria. Há bem mais tempo, os negros congregavam-se nas irmandades católicas, especialmente na *Irmandade Nossa Senhora do Rosário* e na *Irmandade de São Benedito*, esta última responsável pela fundação e manutenção de um asilo para crianças negras⁶ na cidade, a partir de 1901. Segundo Abreu (1994) a Igreja, no final do Império, demonstrava uma grande tolerância com as práticas religiosas populares e afro-brasileiras, porque necessitava recuperar terreno, frente a outras doutrinas e ideologias que ameaçavam seu "status" na sociedade brasileira. Assim, ela buscou o apoio dos negros, libertos ou não, e foi uma das vozes a clamar contra a escravidão, ocupando papel de destaque no movimento abolicionista. Na cidade, o Cônego Canabarro foi um das lideranças no processo, o que levou a que, depois da Abolição, os negros continuassem procurando o amparo e o abrigo da Igreja, como coletividade. Isso se reflete na grande quantidade de elementos de cor negra que foram encontrados, como participantes de atividades vinculadas à Igreja, durante a Primeira República.

Várias entidades negras encontravam-se vinculadas à luta abolicionista. O *Centro Ethiópico*, entidade de representação política dos grupos negros na cidade, articulou, junto com as entidades abolicionistas brancas, a festa da emancipação em 1884 e da Abolição, em 1888. As entidades de beneficência negras ou operárias, como a *Feliz Esperança*, *Fraternidade Artística* e *Harmonia dos Artistas*, auxiliaram na luta de várias formas, inclusive alforriando escravos. Entidades

⁵ CARDOSO (1962), discute o significado desse processo, por parte dos senhores. LONER (1997) analisa seus resultados práticos frente ao avanço do processo abolicionista.

⁶ Este asilo foi fundado por algumas das principais lideranças negras e durante alguns anos ele foi sustentado totalmente pela comunidade negra. Fundado apenas para meninas negras, logo começou a amparar crianças de qualquer sexo e cor, ao contrário do Asilo Nossa Senhora da Conceição, dono de uma quadra inteira no centro da cidade, o qual fazia tantas exigências para aceitar asiladas, que poucas das crianças carentes de auxílio ali conseguiam ingressar.

recreativas negras, como os *Netos d'África* e o *Juvenil*, também se fizeram presentes. Ao lado delas, houve entidades brancas participando, como os carnavalescos *Fenianos* e *Demócrito* e o recreativo *Thermóphilas*, além de associações maçônicas e outras.

O *Clube Carnavalesco Nagô* merece uma referência especial, porque esse clube foi entendido como uma organização dos negros na cidade, além de forma de resistência do grupo negro à escravidão (Mello, 1994). Entretanto, um exame atento a todo seu período de vida, levanta algumas dúvidas sobre sua origem e composição. Criado em 1882, ele mostra sinais de forte influência maçônica, com algumas de suas atividades sendo desenvolvidas na sede da *Loja Maçônica Honra e Humanidade*. Fazendo-se a comparação entre os nomes de seus diretores e aqueles de dirigentes de entidades negras, apenas um ou dois são encontrados em comum. Isso é muito diferente do usual, pois normalmente as lideranças do grupo negro atuavam em várias associações ao mesmo tempo e, se o Nagô fosse um grupo exclusivo de negros, seria difícil que não estivessem presentes. Fazendo-se a comparação das suas diretorias com aquelas dos clubes abolicionistas que existiram na cidade, também não se consegue maior sucesso. Entretanto, ao comparar-se os diretores desse clube carnavalesco, com os membros da associação recreativa *Recreio dos Artistas*, de artesãos brancos e maçônicos, consegue-se uma grande quantidade de dirigentes em comum, nada menos que 26, para os mesmos anos, muitos deles perpetuando-se por várias gestões. Outra entidade maçônica que compartilha dirigentes com o Nagô é a *Associação Beneficente Classes Laboriosas* além da S. B. Marquez do Pombal, de imigrantes portugueses. Entre a diretoria do Nagô, encontravam-se elementos como J. B. Pinho Louzada e Antonio B. Pinho Louzada, Frederico Guilherme Marcucci⁷, Theodoro Carmouge, Carlo Rossi, e vários outros, cujos sobrenomes não só denotam a procedência estrangeira, mas de alguns dos quais tem-se a certeza de serem brancos, sendo artesãos e donos de empresas, conhecidos na cidade.

Seu relacionamento com outras entidades, a forma como seus sócios eram tratados pelos jornais ("distinto e galhofeiro club", "valentes amigos de Momo"), algumas das atividades de que participa e a forma como é recebido pela elite (como a ida a parques e casas particulares, sempre com recepção festiva), além do fato de existirem duas chapas disputando suas eleições (uma com o sugestivo nome de Chapa Republicana) em alguns anos, tudo leva a crer que sua composição racial fosse outra, pois negros, mesmo libertos, dificilmente teriam entrada livre em vários ambientes ou fariam procissões de despedida ao rei Momo na quarta-feira de cinzas⁸ como a descrita abaixo. As letras de suas músicas⁹,

⁷ A.B. Pinho Louzada era dono de uma fábrica de tecidos em Pelotas, e em 1891, estava abrindo uma outra fábrica no Rio de Janeiro, com o capital de 400:000\$000. Foi presidente do Centro Cooperador de Fabricantes de Calçados e do Congresso Operário. Frederico Guilherme Marcucci era italiano, construtor, responsável por alguns dos mais belos prédios da cidade. Ambos, bem como boa parte dos integrantes do Nagô estarão presentes, na década de 90, na diretoria da Liga Operária, então dominada pelos patrões.

⁸ Nessa ocasião, foi visitar o estabelecimento do Sr. Alpoim, no porto, com um "préstimo de mais de 30 sócios, todos rigorosamente vestidos de preto, conduzindo uma eça com dois vasos de flores em cada face (...) Formou em alas e entou, em tom lúgubre, um funeral ao Deus Momo, despedindo-se dele até o próximo ano." Voltou ao centro em bondes, sob aplauso do povo (*Correio Mercantil*, 4/3/1884).

pouco auxiliam a marcar a presença do elemento negro, sobressaindo-se muito mais a questão do *trabalhador*, do que do negro.

Contudo, devia haver elementos negros participando, pois charge publicada no jornal *Zé Povinho* de 4/2/1883, sobre o clube, mostra um grupo de negros desfilar. Da mesma forma, em alguns momentos aparecem notícias sobre ele, numa linguagem totalmente arrevezada, tentando imitar o falar do negro¹⁰. A ambigüidade do clube está presente desde sua primeira apresentação pública:

Apenas organizado, fez o Clube Nagô a sua apresentação de uma maneira digna de todos os aplausos, na terça feira última.

Compunha-se de cerca de 20 negros minas, capitaneados por um personagem iminente, a julgar pelos vistosos trajes e pela gravidade do porte.

Em diversas ruas, exatamente em frente das janelas onde se achavam as moças mais gentis da nossa sociedade, lá paravam os tratantes dos negrinhos e armavam danças, entoando canções.

Hein? E que tal os mariolas? Digam lá que não tinham bom gosto.

Ao ver a perfeição com que os sócios deste clube imitavam a fala, os gestos e os modos dos pretos minas, chegava a gente a duvidar se com efeito tudo aquilo não era uma realidade, se na verdade, os minas tinham vindo também tomar parte nos folguedos carnavalescos.

⁹ Recuperou-se apenas duas letras, de "tangos" tipo de música com que se apresentavam. Uma delas, com música de Agostinho Perarchi, professor da Soc. Santa Cecília (de operários) tem a seguinte letra: "Os Nagôs são educados,/ tem por divisa União! / Os nagôs são homens livres/ Dão combate à escravidão. Coro: Rir, folgar, de dia e noite / Em tempo de carnaval/ tendo nas lutas da vida/ O trabalho por fanal! /O trabalho por fanal! Levantam gritos de pena/ ao social preconceito/ que separa seus irmãos/ contra as regras do direito. Os Nagôs, os homens livres/ tem amor à liberdade! Os povos cultos detestam/ a lei da desigualdade! (Correio Mercantil 4/2/1883).

Em outro tango, oferecido ao clube Demócrito (de artesãos, e intelectuais abolicionistas), quando foram visitá-lo, há trechos como este : "Nós também, como romeiros/ que confiam no porvir/ viemos aqui pranteiros/ doces momentos fruir.... Comércio e artes se estreitam / num abraço fraternal! /Nossas almas se deleitam/ nos gozos do carnaval." (Correio Mercantil 28/2/1884).

¹⁰ Contudo, na época do carnaval, os clubes carnavalescos, como o Demócrito e o Tire-Bouchon, costumavam também lançar manifestos espirituosos nos jornais, com linguagem pitoresca e assinados por figuras como o "Duque de Alva", ou "Chipanzé". Os dois clubes citados eram de artesãos e tipógrafos. Uma curiosidade da grafia utilizada pelo nagô é que, em seus últimos anos, a linguagem usada, parecia não saber mais pronunciar o til, defeito mais próprio de imigrantes, do que dos negros brasileiros. Veja-se a crítica feita, no carnaval de 1887, a situação dos contratados: "O negro lá na charqueada, não toma mais de vergalha, si a zente reventa cedo tem paga sua tarabalho. Ué, Ué, Nagô! Nagô! Era tardava Masi chegô!. Mas, dize zente branca que tudo no itá fêto, que inda tem zente escrava, contra lêi, contra dirêito! Uê, Uê, etc... Com essa escravidom, acabemo di uma veze, a bandeira barazilera é libre por condiçom...Tia Quitéria de Nagô" (Correio Mercantil 22/2/1887).

De noite fez o Club Nagô, o seu passeio à claridade de lanternas venezianas e à luz de fogos cambiantes.

Quatro negros suportavam aos ombros uma coluna iluminada, com saudações aos diversos clubes desta cidade.

Em todo o seu trajeto, arrastaram atrás de si uma grande multidão de apreciadores." (Correio Mercantil 23/2/1882)

Talvez nunca consiga esclarecer-se devidamente a real composição do clube, pela falta de fotos e até do seu estatuto. Quando de sua dissolução, pela promulgação da lei áurea, mais uma vez sua linguagem é dúbia.

"Abolicionista de coração, o Clube Carnavalesco Nagô julga terminada a sua tarefa, visto que hoje, se continuasse a subsistir, faltaria ao mais sagrado dever de generosidade, visto que importava em comemorar a ingrata lembrança da ominosa instituição que nos cobriu de vergonha durante 66 anos de vida independente..."(C. Mercantil 30/5/1888).

É necessário lembrar que o grupo negro da cidade sempre buscou comemorar, durante toda a Primeira República, a data de 13 de Maio, ao contrário da deliberação final do clube. Além disso, estranha se torna a frase "ominosa instituição que nos cobriu de vergonha", se pronunciada por elementos que sofreram o cativeiro. Não é próprio das vítimas sentir vergonha pelos crimes que foram contra elas cometidos. Ela só ganha sentido na boca de brancos, para quem a escravidão era uma mácula, um erro a ser esquecido, mas pelo qual só se responsabilizavam a partir do momento em que se tornaram donos de sua nação ("66 anos de vida independente").

Organização contra o preconceito e a discriminação

Com a República, as entidades negras da cidade se reciclaram, tomando novas formas. O Centro Ethiópico desapareceu e criaram-se algumas fortes entidades recreativas e carnavalescas, além de grupos teatrais. As entidades mutualistas entretanto, permaneceram atuantes, e parecem ser os elementos mais importantes para a congregação do grupo negro, pois não se limitavam às atividades de socorro mútuo, mas também buscaram formar bibliotecas, manter aulas para os sócios e suas famílias, organizar palestras sobre assuntos de interesse (inclusive a doutrina socialista), além de congregá-los através de festas e quermesses, promover concursos, etc, preenchendo uma variedade de funções, essenciais para uma etnia tão desprotegida e carente de amparos institucionais naquele momento. Suas sedes freqüentemente serviam de apoio, temporário ou permanente, para várias outras entidades, de raça ou da classe operária. As suas principais entidades beneficentes foram as seguintes:

S.B. Fraternidade Artística - fundada em Pelotas, em 28/10/1880, pretendia congregar "artistas e homens do trabalho, honestos ". Dura até meados da 3ª década da República.

S.B. Harmonia dos Artistas - fundada em Pelotas, em 17/9/1881, composta de "artistas nacionais e estrangeiros". É mista e tem a mesma duração da anterior.

S.B. Feliz Esperança - fundada em Pelotas em 10/10/1880, aceitava como sócios inclusive escravos e nasceu como Associação Lotérica Beneficente. As menções a esta entidade desaparecem por volta de 1920.

Montepio da União Africana - fundada em Pelotas em 1890, subsiste até 1893, não sendo encontrada posteriormente.

Sociedade Progresso da Raça Africana - fundada em 25/12/1891, existe ainda em 1893, mas também não aparece depois desta data.

Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul - fundada em 19/3/1908 em Pelotas, formada só por mulheres. Pelos nomes das diretoras, várias delas eram das famílias de diretores de outras associações negras da época. Ela conseguiu sobreviver por mais de uma década, sendo a única beneficente nascida no período republicano que experimentou tal performance, pois as demais pouco duraram. Talvez inclusive ela tenha nascido um pouco antes, pois em 1907 tem-se notícias da existência da Sociedade de Socorros Mártires da Princesa do Sul, que em junho desse ano, já depositava dinheiro em fundo de reserva na Caixa Econômica.

Outra entidade mutualista que teve expressiva presença de negros em sua diretoria inicial foi a *S.B. Socorro dos Artistas*, existente em 1890, mas ela poderia ser uma entidade de categoria profissional.

Uma importante entidade negra é a *Feliz Esperança*, que aceitava escravos como associados e contribuía para sua libertação. Embora nascida de uma forma não convencional, pois seu nome inicial era Associação Lotérica Beneficente Feliz Esperança, aproveitando uma febre de apostas em loteria que se disseminou pela cidade nesses anos, ela durou quase 40 anos. Também contrariamente as demais, ela aceitava escravos como seus sócios e, embora pouco apareça no início da década de 80, o final dessa década já a encontra como um baluarte da representação negra na cidade, condição que vai manter por toda sua vida, tendo também auxiliado na organização classista operária, sediando a *União Operária Internacional*, abrigando reuniões de entidades de categorias, como a *Tipográfica Guttemberg* e outras, além de promover conferências socialistas e operárias e tencionar fazer-se representar no Congresso Operário gaúcho de 1898¹¹. Mantinha ainda aulas noturnas e biblioteca para seus sócios.

Pelas próprias contingências externas impostas ao grupo negro, ele era o que tinha menor possibilidade de ascender na escala social e portanto, a ele é que interessava, em grau maior, a conquista e manutenção de posições operárias dentro da sociedade, o que abrangia desde a luta pela melhoria das condições de vida, saúde, urbanização e educação popular até as lutas propriamente classistas e organizatórias do operariado. Para este grupo, ser operário, embora significasse uma vida difícil e sofrida, ainda era superior à situação de fazedor de biscates, sem profissão definida, mão de obra apenas para tarefas humilhantes, pesadas ou esporádicas, que era o que a sociedade parecia reservar ao grupo. A situação de pária era menos valorizada do que a situação de operário, mesmo que a segunda implicasse em trabalho pesado e pouca remuneração.

Por isso mesmo, vai-se encontrar sempre a presença das associações negras em todas as festas operárias da cidade ou participando de lutas e

¹¹ Fontes: *Livro de Atas da Sociedade Beneficente União Tipográfica Guttemberg*, *Opinião Pública* 24/8/1896 e *Echo Operário* 18/10/1897.

comemorações da classe. Em momentos em que não havia entidades representativas da classe operária em atividade, as sociedades beneficentes negras (às vezes, até as recreativas) tomavam a frente nas comemorações do Primeiro de Maio, data sempre tratada pelos negros com o mesmo grau de comemoração e lembrança que o 13 de Maio.

Poucos estatutos conseguiram ser recuperados dessas associações. Entretanto, tem-se o suficiente para perceber suas diferenças em relação a outras entidades. Consultando-os, percebe-se que não havia, por parte das entidades negras, discriminação com relação a elementos de outras etnias ou cores. Esta situação tem suas origens em sua condição de grupo mais discriminado da sociedade, e, como tal, segregado socialmente. Por sofrerem duramente os efeitos da discriminação, procuravam lutar pela integração de todos os grupos, inclusive o seu, na sociedade e, portanto, para eles, era interessante que, em suas entidades, participassem elementos de outras etnias, o que ajudava a diminuir a segregação.

Uma comprovação desse fato é a trajetória da sociedade *Harmonia dos Artistas*. Nascida de uma cisão de uma entidade negra, em 1881, ela vai, ao longo dos anos, incorporando uma série de artistas brancos, alguns imigrantes. Reestruturada em 1895, ela passou por nova cisão em 1898, a partir da formação interna de grupos com posições diferenciadas. Embora não se possa saber os reais motivos da divisão, uma chapa perdedora em duas eleições sucessivas se retira e forma a *S.B. União Humanitária*, também de artesãos e com maioria de elementos da nacionalidade portuguesa entre seus quadros. A *Harmonia*, entretanto, continua subsistindo e, embora passe a apresentar predominância de elementos negros em sua direção, nunca perdeu seu caráter de sociedade aberta à participação de todas as etnias.

Contudo, as entidades negras em Pelotas estavam longe de resumir-se apenas as entidades beneficentes, aparecendo com força, desde o início, sociedades carnavalescas, recreativas e musicais, além de grupos teatrais negros (ver Tabela 1). A principal destas sociedades foi a *Recreio dos Operários*, fundada ainda na década de 80 do século passado, como sociedade bailante e dramática. Dela originou-se, por cisão, a sociedade *Satélites do Progresso*. Essas sociedades recreativas e dramáticas negras, as quais freqüentemente conciliavam também o objetivo carnavalesco entre seus fins, denotam não ser procedente a análise de que os elementos de cor na sociedade brasileira, na transição do Império para a República, seriam todos marginalizados e embrutecidos, além de despreparados para a competição com os elementos imigrantes. É necessária alguma sofisticação intelectual e educação para formar e manter grupos de teatro os quais, por outro lado, apresentaram grande longevidade e estabilidade muito superior àqueles de grupos brancos. Ainda nesta década, surgiu a *Banda Musical União Democrata*, a qual, nascida em 7 de setembro de 1896, esteve presente na vida da cidade até 1977.

TABELA 1 – Entidades negras em Pelotas século XX

Entidades	Tipo	Fundação	Última Notícia
Fraternidade Artística	Beneficente	1881	1911
Feliz Esperança	Beneficente	10/10/1880	1917
Harmonia dos Artistas	Beneficente	5/9/1881	1916
S.S. Princesa do Sul	Beneficente	19/3/1908	1918
Recreio dos Operários	Recreativa	1888	1914
Satélites do Progresso	Carnavalesca	1/7/1891	Existe 1910
Simpáticos do Progresso	Carnavalesca	Existe 1912	1920
Flores do Paraíso	Recreativa	Ago/1898	1911
7 de Setembro	Recreativa	7/9/1908	1917
24 de Junho	Recreativa	1911	1932
Quadra da Aliança	Recreativa	7/9/1902	1910
C.D.C. Operários	Dramática	Jun/1906	1914
	Carnavalesca		
Filhos da Thalia	Dramática	1908	1908
União Democrata	Musical	7/9/1896	1977
Lyra Artística	Musical	24/7/1907	1917
Lyra Pelotense	Musical	30/1/08	24/1/11-Fusão com Harmonia
A Alvorada	Jornal	5/5/1907	Existe 1963
A Cruzada	Jornal	1905	
A Vanguarda	Jornal-Vinculado C.	1908	1908
	José do Patrocínio		
Congresso Pelotense	Grêmio Operário	17/1/09	1909
Clube José do Patrocínio	Representação Política	28/1/1905	1911
Centro Ethiópico	Representação Política	6/3/09	1909
Monteiro Lopes			
Liga José do Patrocínio	Federação Esportiva	10/6/1919	Década de 30
S.C. Aliança dos Operários	Clube de Futebol	24/8/1911	1911
S.C. Juvenil	Clube de Futebol	13/5/1908	1935
S.C. América do Sul	Clube de Futebol	Out/1911	1935
S.C. Universal	Clube de Futebol	1919	1935
G.S. Vencedor	Clube de Futebol	1919	1935
G.S. União Democrata	Clube de Futebol	1920	1934
G.S. Lusitano	Clube de Futebol	1921	1934
S.C. Monteiro Lopes	Clube de Futebol	17/8/1913	1927
C.C. Alcides Bahia	Representação Política	23/4/1924	1924
Asilo de Órfãos São Benedito	Instituição de Caridade	1901	Existe até hoje

Fonte: LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937*. Tese de Doutorado em Sociologia da UFRGS, v. 2, Porto Alegre, 1999.

Quase que ao fim da primeira década do século XX, tem-se a criação de entidades de todo o tipo: recreativas, bailantes, carnavalescas, esportivas e de representação política, e até três jornais negros: *A Alvorada*, *A Vanguarda* e *A Cruzada*¹². Desses, *A Alvorada* foi o principal jornal, tendo marcado sua presença semanal na cidade desde maio de 1907 até a década de 60. Sua linha editorial procurava a valorização do negro e sua incessante busca pela elevação cultural e social do grupo, mas de forma moderada e não agressiva.

Quanto às entidades políticas, o grupo contou, na primeira República, com duas, formadas a partir de ameaças de impedimento de assumir cadeiras de representação política na Câmara dos Deputados, a eleitos negros. Em 1909, numa campanha que mobilizou toda a comunidade em Pelotas, criou-se o *Centro Etiópico Monteiro Lopes*, nome do deputado ameaçado. Foram feitas reuniões com mais de 300 pessoas na cidade e, logo após sua posse, a mobilização continuou, tendo-se preparada sua visita, que ocorreu em 16/1/1910. Esse mesmo tipo de mobilização, também com a criação de centros, ocorreu em Rio Grande e Bagé. A segunda surgiu quando houve dúvidas que fosse diplomado Alcides Bahia, eleito deputado pelo Amazonas. Formou-se um centro cívico com seu nome em 1924, mas de breve duração. Houve ainda o clube José do Patrocínio, criado em 28/1/1905 e que persistiu também na década seguinte. Os objetivos desse clube ainda não estão totalmente aclarados. Ele costumava comemorar com ênfase a data do 13 de Maio e parece ter um caráter mais cultural, estando a ele ligado o jornal *A Vanguarda*.

Como clubes recreativos e carnavalescos, houve a continuidade do *Recreio dos Operários* e do *Satélites do Progresso* e o surgimento do *Quadros da Aliança* (1901), *Flores do Paraíso* (agosto 1898) e, na década seguinte, o *24 de Junho*. No carnaval, começaram a surgir grupos ou blocos carnavalescos, às vezes ligados a um clube e que buscavam divertir-se, na rua ou nos salões. Na Tabela 2, traz-se a relação dos principais clubes e blocos carnavalescos negros das três primeiras décadas deste século, ressaltando-se que a listagem ainda é incompleta, e sujeita a eventuais erros, pois feita apenas a partir da compilação de jornais, os quais nunca colocam a etnia ou cor de seus integrantes.

¹² Desses três jornais, só conseguiu-se consultar o primeiro. *A Vanguarda* foi citado pelo próprio *A Alvorada* e *A Cruzada* foi referenciado por Mello (1995).

TABELA 2 – Clubes e grupos carnavalescos negros – 1900-1929

Entidades	Tipo	Fundação	Última Notícia
G. Primavera	Grupo	1909	1909
C.C. Democratas	Clube	20/7/1907	1909
G. Faceiras	Grupo	1908	1908
G.C. da Paz	Grupo	1907	1909
G.R. Operários	Grupo	1909	1909
G. Deusas do Amor	Grupo	1909	1909
C.C. Bahianas	Clube	1908	1912
G. Guerristas	Grupo	26/10/1906	1908
G. dos Convencidos	Grupo	1909	1909
G. Arruaças	Grupo	1901	1901
G. Serpentinhas	Grupo	12/6/1909	1909
G.R. da Necessidade	Grêmio Recreativo	26/10/1908	1911
G.C. dos Feios	Grupo	Mar/1909	1909
C.R.C. Desvio	Clube	Ago/1909	1909
G. das Ventarolas	Grupo	1912	1912
G.R. Vitoriosas	Grêmio Recreativo	20/1/1914	1914
G.C. das Convencidas	Grupo	1912	1912
G. Estrela D'alva	Grupo	1914	1916
C.C. das Luzitanas	Grêmio	1914	1922
C.R. Luzitana	Grêmio Recreativo	10/1/1913	1920
C.C. Chove Não Molha	Clube	1921	Até hoje
C.C. Depois da Chuva	Clube	19/2/1916	1936
C.C. Fica Aí Para Ir Dizendo	Clube	27/1/1921	Até hoje
C.C. Quem Ri de Nós Tem Paixão	Cordão	Out/1921	1935
G.R. das Furrucas	Grupo	1926	1926
C.C. Democráticos	Clube	1923	1923
G.C. das Chovianas	Grupo	1922	1922

Fonte: LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937*. Tese de Doutorado em Sociologia da UFRGS, v. 2, Porto Alegre, 1999.

A partir do início do século, assistiu-se a uma disseminação de clubes de futebol, que encontraram respaldo entre os negros. Sozinhos ou em times mistos, negros e mulatos se dedicaram com entusiasmo ao novo esporte, formando Ligas de futebol negras, a *Liga José do Patrocínio*, fundada em 10/6/19 em Pelotas e a *Liga Rio Branco* em Rio Grande, fundada em 4/8/1926. Há notícias da existência também em Porto Alegre de uma liga de futebol negra. Elas, por sua própria existência, evidenciam claramente a discriminação racial no campo do esporte, mas por outro lado, também são reflexo da capacidade de organização da etnia, já demonstrada em outros setores. Contudo, no esporte, a discriminação nunca foi completa, havendo times mistos de futebol, o que torna-se ainda mais comum com o passar do tempo. Entretanto, o fato de haverem disseminado amplamente clubes de futebol e carnaval, levou à consolidação de um estereótipo do grupo, marcado exatamente pelo samba e futebol.

Os clubes carnavalescos negros mais importantes surgiram no final da década de 10 e início da década seguinte, como o *Depois da Chuva*, o *Chove Não Molha*, o *Fica Aí Para Ir dizendo*, e o *Quem Ri de Nós Tem Paixão*. Segundo informantes, eles representavam segmentos dentro do grupo negro. Assim, enquanto o *Fica Ai* seria da elite negra, o *Chove* seria mais representativo da classe média e o *Quem Ri e Depois da Chuva*, seriam clubes populares. À exceção do *Quem Ri*, todos os demais chegaram até os dias atuais, embora alguns deles estejam em dificuldades hoje em dia. Mas ao lado desses, surgiram inumeráveis outros grupos carnavalescos, vinculados a esses clubes ou outras associações, ou ainda a clubes de futebol. Destacam-se os grupos formados de

mulheres, integrantes dos grandes clubes ou simpatizantes de clubes de futebol, que tratavam de organizar-se separadamente.

As mulheres negras, comparativamente àquelas de outras etnias, ocupavam um papel mais destacado dentro do grupo negro. Segundo Andrews (1998) que estudou esta etnia na cidade de São Paulo, isso ocorria porque, freqüentemente, eram elas a trazer estabilidade financeira para o lar, pois enquanto os homens eram relegados a trabalhos de safra ou biscates, elas contribuíam com uma remuneração constante para a sustentação da família. Em Pelotas, a situação era diferente, pois aqui os negros incorporaram-se mais cedo à força de trabalho operária, em fábricas e construção civil, mas, por outro lado, muitas vezes os homens eram agarrados como 'voluntários' para os vários conflitos entre os grupos dominantes havidos no Estado gaúcho e assim, elas tornavam-se um dos principais estios da família. Às vezes, inclusive, sua ação transcendia os limites da família e do lar, tendo que responsabilizar-se, politicamente, pelos símbolos caros à etnia:

"As abaixo assinadas por si e suas companheiras, não podendo contar com o recurso de seus irmãos de raça, por estarem ao serviço da Pátria, para não passar despercebida a grande data de redenção dos cativos, mandam entoar na Igreja Matriz, domingo, às 5 horas da tarde, um Te Deum laudamus de ação de graças ao aniversário de tão grande acontecimento.. Para esta solenidade convidamos a população da cidade, à qual, desde já, protestamos nossa gratidão". Pelotas, 12 de maio de 1894. Ass. Cezária de Carvalho, Ambrosina Mendes de Azevedo, Noêmia Oliveira (Correio Mercantil, 15/5/1894).

O "serviço da pátria" era a revolução federalista de 1893. Este episódio foi tão desgastante para o grupo negro, que eles fizeram comemorações diferenciadas pela pacificação do Estado em 1895, tanto em Pelotas quanto em Rio Grande. Mas os negros freqüentemente eram convocados pela polícia para trabalhar em obras da prefeitura, ou presos, por pretensa vagabundagem, mesmo quando estavam participando de festas à noite ou em fins de semana. Ou precisavam ausentar-se da cidade por longos meses, em busca de empregos, em momentos de crise. De forma que era às mulheres negras que cumpria, mais do que em qualquer outra etnia, zelar pela preservação da família, do grupo e de seus valores. Elas exerciam variadas funções culturais, seja na religião quanto no carnaval, saindo nos cordões ou blocos, fabricando as fantasias, proporcionando o elo de ligação entre os clubes carnavalescos e os futebolísticos, ou ainda preocupando-se com a promoção de quermesses para levantamento de fundos para as festividades ligadas às associações da etnia. Como resultado desse seu papel de maior importância, se encontram sempre diretorias femininas, praticamente em todas as suas associações, que funcionam paralelamente a diretoria masculina.

Na década de 30, continuou a haver a predominância de associações esportivas e carnavalescas, não mais contando-se com associações beneficentes, mas houve um avanço no sentido da afirmação do negro como grupo diferenciado, e na tentativa de lutar contra o preconceito, através da criação da *Frente Negra Pelotense*. Seus representantes lutavam contra a discriminação racial e buscavam, através da educação, capacitar o grupo negro a buscar uma melhor posição na sociedade. Essa frente enfrentou várias incompreensões, inclusive da

própria comunidade, mas manteve-se em atividade de 1933 a 1935, enviando representantes ao I Congresso Afro Brasileiro, realizado em Recife. Já em décadas anteriores haviam surgido algumas organizações de representação da raça negra, mas todas formadas a partir de questões pontuais e com vida efêmera. A Frente Negra, entretanto, constituiu-se num primeiro momento claro de politização da luta do negro na cidade.

Os negros operários

Silvia Lara (1998) adverte sobre os riscos de uma historiografia do trabalho que não se preocupe com os trabalhadores negros no Brasil, que continue desconsiderando-os como tem sido feito amplamente até agora e que não os incorpore, nem como trabalhadores escravos no império, nem como operários na república. Felizmente, aponta a historiadora, vários estudos já vêm demonstrando a força desse grupo na formação do operariado brasileiro, iniciando o processo de atenuação do velho mito com relação ao trabalhador imigrante. Um dos aspectos levantados por essa revisão é a necessidade de reconhecer os diferentes significados da liberdade para o trabalhador recém liberto e a forma como esse vai reagir no mercado de trabalho e na sociedade. Aos poucos, esses novos estudos vão redesenhando o perfil do trabalhador negro, que sai do gueto da marginalização e aparece ele também, como um ser racional e cômico de seus interesses, desde que estes sejam iluminados pela ótica peculiar a esse grupo.

Em Pelotas, essa lógica incluía, para uma parcela significativa, pois formada pelas suas principais lideranças, uma estratégia de integração na sociedade. Para as lideranças mais conseqüentes, buscava-se a integração, com o respeito ao negro e sua cultura e história. Mas havia também aqueles que buscavam a integração individual pela perda dos traços distintivos do grupo negro, tanto cultural quanto fisicamente. As várias organizações criadas por eles na cidade, refletiram, de alguma forma, essas diversas estratégias, havendo, inclusive, associações exclusivas de determinados grupos ou setores, dentro da etnia, e que discriminavam os demais.

Em comum a todos, havia a compreensão de que somente através da educação os negros poderiam ascender cultural e socialmente, ganhando o reconhecimento da sociedade. Esse objetivo sempre foi partilhado com a classe operária. Eram justamente as associações negras e de nacionalidades (ou seja, aquelas que compreendiam a classe operária em formação) as que mais tentavam manter escolas, ao lado daquelas de representação de classe. A educação era a grande preocupação dos negros conscientes e organizados, havendo referências na imprensa à instalação de aulas noturnas em diversas associações negras, em vários momentos. Mesmo no pós-30, a Frente Negra Pelotense tinha na educação da raça um de seus objetivos principais, pois a educação era vista como o grande instrumento de valorização social e meio de retirar o negro da situação de miséria e marginalização em que vivia.

A situação do negro na República Velha era extremamente débil. Imerso numa sociedade acostumada a tratá-lo como escravo, frágil em seus apoios culturais e econômicos, abandonado quando da Abolição pelos seus parceiros brancos, ele teve que pacientemente tecer uma ampla rede de associações, clubes e jornais, que, ao mesmo tempo, organizassem e conscientizassem os elementos de raça negra, dando-lhes respaldo em momentos de crise. Florestan Fernandes, vindo ao Estado em 1955, impressionou-se pela solidez de algumas entidades negras em Porto Alegre e outras cidades gaúchas, fenômeno que não conhecia em outros lugares do Brasil. Xa-vier, operário negro, comentando o fato, explica que tal ocorreu porque aqui o sentimento discriminatório e os empecilhos à vida do negro eram maiores e ele foi obrigado a reagir, formando associações (*Alvorada*, 12/3/55).

Quanto à luta operária, sempre houve lideranças operárias negras de destaque na cidade, desde praticamente o início da organização dos

trabalhadores. Duas associações centrais de trabalhadores, compostas por operários que não aceitavam as práticas e as propostas políticas da Liga Operária (associação que envolvia patrões e operários) revelam, em sua composição, uma predominância majoritária de diretores negros. A União Operária Internacional, por exemplo, fundada em 1898, tem, em sua primeira diretoria eleita, 14 dirigentes negros, num total de 16 membros (87,5%), os quais ocupavam todos os postos de importância. Sua segunda diretoria também manteve predominância negra (81%) e sua sede era numa entidade beneficente negra Da Feliz Esperança. O Centro Operário 1º de Maio, organização de chapeleiros (e talvez outras ocupações de fábricas), também tinha expressiva quantidade de lideranças negras (61%), embora possivelmente fossem brancos os ocupantes de quatro dos seus principais cargos. No nosso século, a União Operária, fundada em 1905, terá vários operários negros em suas direções.

Na década de 30, também encontrou-se uma grande quantidade de negros participando das direções dos sindicatos ou de outros organismos sindicais. Também são negros e operários de Pelotas, 4 dos 8 candidatos do *Partido Socialista Proletário do Brasil* a deputação federal, em 1934.

Conclui-se assim, que a etnia negra desempenhou papel fundamental na construção da classe operária na cidade de Pelotas, além de demonstrar invulgar entusiasmo e perseverância na criação de entidades, dos mais variados tipos. Em razão do forte preconceito e discriminação que enfrentavam na sociedade, os negros foram obrigados a desenvolver uma rede associativa completa e diferenciada das demais. Formaram desde entidades recreativas até entidades de classe, para organizarem-se na luta pelos seus direitos como trabalhadores e na luta de resistência contra o preconceito e a dominação branca. Nesse processo eles provaram possuir um alto grau de criatividade e determinação, e muitas de suas entidades encontram-se entre as mais antigas e estáveis na cidade.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Marta. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro nº 14, p. 183-204, jul-dez. 1994.
- ANDREWS, George. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1998)*. Baurú: Edusc, 1998.
- ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. Idade, sexo, ocupação e nacionalidade dos escravos charqueadores (1780-1888). *Estudos Ibero-Americanos*, v.16, n.1 e 2, PUC-RS: Porto Alegre, 1990, p. 29-46.
- BAKOS, Margaret. *RS: Escravidão & abolição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- DORNELLES, João B. Profissões exercidas pelos negros em Pelotas (1905-1910). *História em Revista*, v.4, Pelotas, dezembro 1998, p.77-112.
- CARDOSO, F.H. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo : Difel, 1962.

- GUTIERREZ, Ester. Negros, brancos e pardos na construção do Novo Mundo, Pelotas 1848--1888. *História em Revista*, v.3, Pelotas, novembro 1997, p. 53-84.
- LARA, Silvia Hunold. Escravidão, cidadania e História do Trabalho no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, n. 16, fev. 1998, p. 25-38.
- LONER, Beatriz Ana. 1887: a revolta que oficialmente não houve ou de como abolicionistas se tornaram zeladores da ordem escravocrata. *História em Revista*, v.3, Pelotas, novembro 1997, p. 29-52.
- PICCOLO, Helga. A resistência escrava no Rio Grande do Sul. *Cadernos de Estudo*. Curso de Pós-graduação em História, nº 6, outubro 1992.
- PICCOLO, Helga. O sistema escravista no Rio Grande do Sul: os inventários como fonte para a pesquisa histórica. *História em Revista*, v.3, Pelotas, novembro 1997, p.7-28.
- MELLO, Marco A. L. *Reviras, batuques e carnavais - a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: edUFPel, 1994.
- MELLO, Marco A. L. Para o recreio e a defesa da raça: a imprensa negra no RS. *Cadernos Porto & Vírgula*, Porto Alegre, nº 11, p.90-97, 1995.
- SIMÃO, Ana Falkembach - As manumissões na cidade de Pelotas (1832-1849). *Estudos Ibero-Americanos*, v.16, n.1 e 2, PUC-RS: Porto Alegre, 1990, p. 309-328.